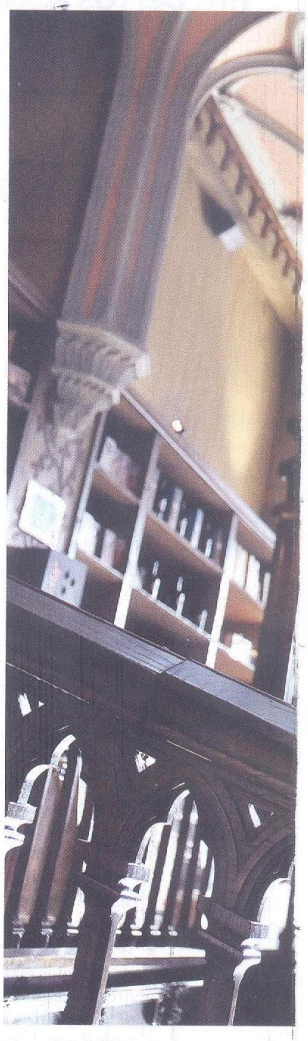
MS impacto

CLIENTE: **LUÍS MIGUEL ROCHA**

 Texto **Manuel Jorge Bento** Fotos **Nuno Fernandes Veiga**



"Papa Francisco é um político"

EM NOVO LIVRO, LUÍS MIGUEL ROCHA REVELA OS MOTIVOS QUE CONDUZIRAM À SAÍDA DE BENTO XVI

Mora no Porto e é em casa que escreve habitualmente, sempre de pé e em movimento, no seu iPad. Usa o "método Hemingway", ou seja, nunca pensa na história quando não está a escrever, tem um "horário diurno e normal de trabalho". É um portuense que nunca subiu ao topo da Torre dos Clérigos. É um portista que aprecia pouco o futebol. Sobra-lhe pouco tempo para ler e, quando o faz, opta por livros sobre história medieval. Refere também José Saramago. É cristão e há anos que investiga e escreve sobre as decisões do Vaticano. Luís Miguel Rocha, o único português best-seller do 'New York Times', considera que a resignação de Bento XVI, a 11 de fevereiro de 2013, foi "uma jogada de génio para alguém que sempre foi politicamente inábil".

O papa alegou motivos de saúde para tomar esta decisão histórica, mas o escritor portuense vai revelar no novo livro 'A Resignação' (Porto Editora) – que será publicado semanas antes da Feira do Livro de Lisboa – as lutas políticas internas que conduziram à saída. "A ideia de que o papa governa tudo está erradíssima. Bento XVI foi muitas vezes vítima por ignorância. O papa é chefe de Estado e líder da Igreja, mas os secretários de Estado e os prefeitos têm poder e nem precisam de dizer ao papa o que vão fazer", explica o autor.

Bento XVI deixou, desde 2010, várias dicas sobre uma possível resignação. O livro 'Os Abutres do Vaticano', de Eric Frattini, já referia essa hipótese quatro meses antes da decisão que terá sido o culminar de um escândalo que começou no tempo de Paulo VI, nas décadas de 1960 e 1970. "Resignou por cansaço? Seguramente. Doença? Também. Mas a resignação já aconteceu há mais de um ano e Bento XVI está ótimo aos 85 anos."

Papa Francisco

Jorge Mario Bergoglio é agora o primeiro latino-americano e o primeiro jesuíta a dirigir a Igreja Católica. "O papa Francisco é um político a sério. É o chefe de Estado da Europa e deixa o seu antecessor a anos-luz. Não há nada que ele faça que não seja pensado ao pormenor", diz o escritor, acrescentando: "Apesar de apelar à pobreza, fica muitas vezes mais caro do que Bento XVI. Em termos de segurança, cada audiência das quartas-feiras custa mais um milhão de euros porque ele não anda no papamóvel para poder estar mais próximo dos fiéis – algo que quer conquistar também residindo na Casa de Santa Marta e não o Palácio Apostólico."

Para o escritor, uma das melhores decisões de Bento XVI é a

> **"A resignação foi uma jogada de génio para quem foi sempre politicamente inábil"**

> **"A ideia de que o papa governa tudo está erradíssima. Bento XVI foi muitas vezes vítima por ignorância"**
> **Luís Miguel Rocha**
> escritor

LUÍS MIGUEL ROCHA NASCEU EM 1976, NA CIDADE DO PORTO

escolha do "cardeal incorruptível" Carlo Maria Viganò para liderar o governatorato (câmara municipal).

"Ele enviou uma carta a Bento XVI na qual refere que não sabe por onde deve começar a limpar a porcaria e que precisa de instruções. Ora, essa missiva nunca chegou às mãos do papa porque as cartas eram sempre recebidas pelo monsenhor Georg Gänswein, o George Clooney do Vaticano, que pretendia poupar o papa. Mais tarde envia uma carta à segunda figura do Estado, Tarcisio Bertone, enumerando que o presépio e a árvore de Natal colocados anualmente na praça de São Pedro custam meio milhão de euros e o Vaticano não sabe a quem paga ou que há gastos injustificados de 1500 milhões de euros com o Hospital San Raffaele, em Milão. Abriu o livro e a resposta de Bertone foi que, a partir daquela data, Viganò passaria a núncio em Washington, cessando a sua função de imediato. Percebemos aqui que Bento XVI tinha um conjunto de pessoas que fazia política contra ele."

"O papa Francisco deixa o seu antecessor a anos-luz. Não há nada que ele faça que não seja pensado ao pormenor"
Luís Miguel Rocha
escritor

Bertone originou também, de acordo com Luís Miguel Rocha, o chumbo da Europa à auditoria que Bento XVI pediu ao Banco do Vaticano. "É sempre uma mulher que resolve os problemas no Vaticano! Numa audiência com o papa, Hillary Clinton só lhe deixa duas opções: ou resolve o problema das lavagens de dinheiro ou o banco seria fechado em seis meses. Em 2010, pressionado, o papa cria a Autoridade de Informação Financeira – que agora Francisco transformou numa espécie de Ministério de Economia –, que serve para controlar todo o sistema financeiro do Vaticano, e nomeou cinco cardeais para a dirigir. Um deles era Bertone, que, como legislador, escreve 'Vamos abrir as contas aos auditores, mas não todas'. Resultado: o Banco do Vaticano chumbou na auditoria e só aí Bento XVI percebeu que reinava, ▶

▶ mas não governava. Era uma figura de corpo presente. Atirou então a toalha ao chão e desistiu."

Também Gänswein é encarado como forte opositor. "Muita gente crucificou Bento XVI por ter consagrado bispo um francês que renegou o Holocausto, nos tempos em que a ultraconservadora Fraternidade Pio X consagrou três bispos sem João Paulo II saber. Bento XVI consagrou mesmo o francês que afirmara numa entrevista que 'o Holocausto nunca existiu.' Foi um escândalo! Mas ele não sabia daquela entrevista porque Gänswein não lhe contou. Só o jornal 'Il Messaggero' publicou as palavras de Bento XVI, dizendo 'Peço desculpa, eu não sabia. A partir de agora prometo ir sempre ao Google'", conta.

Muitos pormenores até agora desconhecidos sobre as movimentações políticas no Vaticano são revelados por Luís Miguel Rocha, autor de livros como 'O Último Papa', 'Mentira Sagrada', 'Bala Santa' ou a 'A Filha do Papa'. "Há um vaticanista que afirmou, há tempos, que 'o Vaticano lê os livros do Rocha, mas o seu silêncio significa mais respeito do que reprovação'", declara o escritor português.

FOTOGRAFADO NA LIVRARIA LELLO, NO PORTO

A herança de Nogara

O Vaticano é o segundo maior acionista da Beretta, uma fábrica de armamento. Isso é condenável? "Não, porque a gestão do estado não é a gestão da Igreja. O Vaticano não necessita de armas, de todo. Pio XII, durante a Segunda Guerra Mundial, ordenou que todos os guardas andassem desarmados para não darem o primeiro tiro porque estavam cercados por 700 oficiais nazis. Eles não precisam de armas, mas têm de se governar enquanto estado e não é com esmolas ou com o turismo que se consegue governar um estado caríssimo."

No tempo de Pio XI foi assinado um tratado com o italiano Benito Mussolini para o Vaticano receber uma indemnização por ter perdido território e contribuintes. O estado estava sem receber impostos e praticamente falido. Contrataram então um banqueiro, "Bernardino Nogara, para gerir os assuntos financeiros, e ele aceitou com a condição de não poder haver intromissão teológica ou religiosa de qualquer espécie nas aplicações que ele ia fazer. Pio XI deu a concordância. Depois, foram fazer uma auditoria a todas as aplicações financeiras que ele fez – e só saiu da gestão financeira nos anos 50. Não encontraram qualquer atividade ilícita, mas o Vaticano era líder em armamento, na indústria de contracetivos e na indústria pornográfica alemã."

> **"Não é com esmolas ou com o turismo que se consegue governar um estado caríssimo"**
> **Luís Miguel Rocha**
> escritor

Descobriu-se também há poucos meses – conta Luís Filipe Rocha – que em ruas conhecidas de Londres, no Reino Unido, ou em empreendimentos que estão a ser construídos no Estoril e em cidades por toda a Europa, grandes marcas como a Armani ou a Guess pagam aluguer ao Vaticano porque os edifícios são deles. Isto é condenável? "Não, é apenas e só gestão de património."